

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-02-08

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Cordeiro, G. Í (2022). Para a história dos estudos urbanos ibéricos: reflexões a propósito do Programa de Doutoramento em Antropologia Urbana, Tarragona-Lisboa . In Jordi Roca Girona, Gaspar Maza Gutiérrez, Ramona Torrens Bonet (Ed.), *La ciutat i les vides: textos en homenatge a Joan Josep Pujadas*. (pp. 145-153). Tarragona: Editorial Universitat Rovira i Virgili.

Further information on publisher's website:

[10.17345/9788413650227](https://doi.org/10.17345/9788413650227)

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Cordeiro, G. Í (2022). Para a história dos estudos urbanos ibéricos: reflexões a propósito do Programa de Doutoramento em Antropologia Urbana, Tarragona-Lisboa . In Jordi Roca Girona, Gaspar Maza Gutiérrez, Ramona Torrens Bonet (Ed.), *La ciutat i les vides: textos en homenatge a Joan Josep Pujadas*. (pp. 145-153). Tarragona: Editorial Universitat Rovira i Virgili., which has been published in final form at <https://dx.doi.org/10.17345/9788413650227>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.



LA CIUTAT I LES VIDES

Textos en homenatge a Joan Josep Pujadas

LA CIUTAT I LES VIDES

Textos en homenatge a Joan Josep Pujadas

Edició de
Jordi Roca Girona,
Gaspar Maza Gutiérrez
i Ramona Torrens Bonet



Tarragona, 2022

PUBLICACIONS DE LA UNIVERSITAT ROVIRA I VIRGILI

Av. Catalunya, 35 - 43002 Tarragona

Tel. 977 558 474 · publicacions@urv.cat

www.publicacions.urv.cat



1a edició: octubre de 2022

ISBN (paper): 978-84-1365-022-7

ISBN (PDF): 978-84-1365-023-4

DOI: 10.17345/9788413650227

Dipòsit legal: T 1048-2022



DEPARTAMENT D'ANTROPOLOGIA,
FILOSOFIA I TREBALL SOCIAL
Universitat Rovira i Virgili



Cita el llibre.



Consulta el llibre a la nostra web.



Llibre sota una llicència Creative Commons BY-NC-SA.

➤ Publicacions de la Universitat Rovira i Virgili és membre de la Unión de Editoriales Universitarias Españolas i de la Xarxa Vives, fet que garanteix la difusió i comercialització de les seves publicacions a nivell nacional i internacional..

Taula

PRESENTACIÓ	7
CONNEXIONS BIOGRÀFIQUES I CONTINUÏTATS ACADÈMIQUES	
Homenaje a Joan Josep Pujadas o «El jardín de los senderos que se bifurcan»	15
<i>Gaspar Maza Gutiérrez</i>	
Invitació a l'obra de Joan Josep Pujadas: una exploració antropològica de les articulacions de les societats contemporànies	27
<i>Albert Moncusí Ferré</i>	
A propósito de la jubilación de Juanjo Pujadas. Un recorrido muy personal por su legado investigador y docente.	37
<i>Jesús Sanz Abad</i>	
APUNTS PER A UNA HISTÒRIA DE L'ANTROPOLOGIA	
Petita història dels primers anys del DAFiTS	47
<i>Joan Prat Carós</i>	
José Alcina y el «segundo nacimiento» de la antropología en Andalucía y el Estado español	77
<i>Isidoro Moreno Navarro</i>	
La fascinación por un maestro. Invitación a la lectura de Ángel Palerm.....	97
<i>Carlos Giménez Romero</i>	
Qué hilo tan fino, qué delgado junco: antropología y exilio	119
<i>Pedro Tomé Martín</i>	
ANTROPOLOGIA URBANA	
Perfilant els moviments urbans del present.	131
<i>Josepa Cucó i Giner</i>	
Para a história dos estudos urbanos ibéricos: reflexões a propósito do Programa de Doutoramento em Antropologia Urbana, Tarragona-Lisboa	145
<i>Graça Índias Cordeiro</i>	
Ciudades y conexiones glocales en Quintana Roo (México)	155
<i>Ligia Aurora Sierra Sosa</i>	
Testemunho de uma partilha. De perto e de longe	171
<i>Luís Vicente Baptista</i>	

EPISTEMOLOGIA I MÈTODE

Biografia i història. Tardofranquisme i transició des dels marges179
Oriol Romaní Alfonso

La mirada etnogràfica dels sanitaris a la Catalunya del primer franquisme
(1939-59)191
Josep M. Comelles Esteban i Josep Barceló-Prats

Life, Biographies and Intersections across Urban Anthropologies207
Gary W. McDonogh

Mercados de Quito: historia y memoria219
Eduardo Kingman Garcés i Erika Bedón

MIRADES CÒMPLICES: IDENTITAT I ALTERITAT

Etnocentrisme i misogínia: dones bàrbares243
Joana Zaragoza Gras

Observacions sobre la solidaritat253
Elizabeth Russell

Civis romanus sum!261
Josep M. Escolà Tuset

NOTA BIOGRÀFICA.....269

Para a história dos estudos urbanos ibéricos: reflexões a propósito do Programa de Doutoramento em Antropologia Urbana, Tarragona-Lisboa

Graça Índias Cordeiro

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Introdução

Inspirada pela ideia de ‘historicismo reflexivo’ que Christian Topalov usa no seu texto «Des livres et des ênquetes: pour un historicisme reflexif» (2001), proponho neste curto texto visitar a experiência passada do PRODAU (Programa de Doutoramento em Antropologia Urbana, ISCTE/URV) como objeto de inquirição e de reflexão. Tal como os livros-objeto «qui se déplacent sans cesse par l’action non plus de leurs auteurs, mais de leurs lecteurs» (Topalov, 2001: 307), também o passado deste programa tem circulado informalmente em conversas, ao sabor das memórias de quem o viveu, pelo que se pode tornar objeto de reflexão. A sua história é incerta e, tal como o esquecimento, escreve-se sempre no presente (ob.cit: 308). Talvez pela sua situação ambígua, em termos da organização disciplinar e da política científica da instituição onde se inseriu em Portugal — o ISCTE — a sua memória pertence exclusivamente à ‘tradição oral’, sem um registo escrito que ajude a fixar a sua existência.

Juanjo Pujadas foi a figura de referência desta experiência inovadora, o motor que alimentou a dinamização de um conjunto de atividades diversificadas – ensino, investigação, organização de eventos, publicações. Tais atividades, inseridas em práticas de sociabilidade, ajudaram a construir uma ponte de trocas académicas, de colaboração, de amizade e de solidariedade entre Tarragona/Barcelona e Lisboa, desde finais

dos anos de 1980. Apesar da sua vida breve, o PRODAU ocupou um lugar único na história dos estudos urbanos ibéricas, uma história não contada que corre o risco do esquecimento.

Mais do que apenas a vontade e o gosto pessoal em relatar acontecimentos passados, baseando-me nos meus próprios 'arquivos da memória', este texto organiza-se em torno de quatro objetivos. Primeiro, produzir um documento que seja um primeiro passo de uma história por contar sobre uma experiência inédita de formação avançada em antropologia urbana, assinalando um momento que marcou a primeira década do século XXI no panorama da antropologia e sociologia portuguesas, na sua interseção com os estudos urbanos, em Portugal e Espanha, sobretudo. Segundo, iniciar uma reflexão sobre o papel e impacto que esta experiência teve na mais jovem geração de antropólogos/sociólogos urbanos portugueses (ou socio-antropólogos), com formação em antropologia e sociologia, e no diálogo interdisciplinar entre ambas as disciplinas. Terceiro, enfatizar o lugar central da 'informalidade' no processo de criação, organização, produção científica, como motor para a formalização deste programa de doutoramento, através de processos subtis e 'intangíveis' dentro das estruturas institucionais que condicionaram o sucesso deste projeto. Da mesma forma que a sociabilidade e a 'conversação' (Burke, 2012) alimentaram este diálogo ibérico em torno da criação deste programa, agora objeto de análise, é também ao nível do discurso oral que a memória deste momento tem sido construída, sem um lugar visível na história da sempre e eternamente frágil antropologia urbana portuguesa. Finalmente, contribuir, de uma forma mais ampla, para a história dos estudos urbanos ibéricos, através do aprofundamento de uma discussão sobre o lugar de uma sócio antropologia urbana nas periferias da europa, em línguas latinas que dominam o *global south*.

Deste modo, a perspetiva é pessoal, limitada, fragmentar e incompleta, como todas as perspetivas individuais, prevalecendo uma visão portuguesa desta experiência, entre muitas outras possíveis. Invoco aqui a relação entre a porta e a ponte, maravilhosamente analisada por Simmel (1996), com os correspondentes movimentos de associação e desassociação. Em particular, uso a imagem da porta que se abre para o exterior e da ponte que liga aquilo que antes estava separado, como fio condutor deste olhar sobre as ligações que, com Juanjo, se criaram entre mundos antes separados.

Uma porta que se abre...

Joan Josep Pujadas foi o primeiro antropólogo urbano que conheci, em abril de 1987, em Alacant, no IV congresso de Antropologia do estado espanhol. Incentivada por Raul Iturra, então presidente do departamento de Antropologia do ISCTE onde dava aulas, como sua assistente, desde 1984, participei do fervilhante *simposium* de antro-

pologia urbana deste congresso, onde a quantidade de comunicações apresentadas era tal que levou a que parte delas fossem apenas apresentadas na sua forma resumida. Os conceitos de *identidad*, *etnicidad*, *sociabilidad* e *asociacionismo* dominavam as animadas discussões deste painel, coordenado por Isidoro Moreno, Josepa Cucó e Joan J. Pujadas. A discussão antropológica dos dois últimos constituiu uma revelação para mim, então a finalizar um mestrado interdisciplinar em ciências sociais, o primeiro curso de mestrado nestas áreas, em Portugal, criado por Vitorino Magalhães Godinho e sua equipa na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O meu terreno de investigação era o lazer ‘popular’ em associações de bairro, em Lisboa, e eu navegava, um pouco perdida entre a sociologia, a história, os estudos urbanos, numa tentativa de identificar as pontas disciplinares mais adequadas para coser com o meu background de antropologia, que não havia incluído as complexidades urbanas que ali via serem analisadas. Posso dizer que este primeiro encontro com a realidade efervescente da antropologia urbana espanhola foi, não apenas uma porta que se abriu nos meus horizontes académicos como foi, sobretudo, a primeira pedra na construção da minha identidade de antropóloga urbana. Foi com segurança que, alguns meses mais tarde, arrisquei o subtítulo ‘um ensaio de antropologia urbana’ na minha dissertação de mestrado sobre o jogo da laranjinha em Lisboa.

Meses mais tarde, Joan Pujadas proferiu um conjunto de palestras no ISCTE, convidado por Vítor Matias Ferreira, figura de referência da sociologia urbana portuguesa. O seu interesse pela cidade de Lisboa, o meu interesse pela antropologia urbana, a fase de formação inicial em que eu me encontrava, e o seu papel como coordenador e fundador do programa de doutoramento em Antropologia Urbana, do Polo da Universidade de Barcelona, em Tarragona, programa pioneiro na península ibérica, na Europa, talvez no mundo...levou a que eu ingressasse neste programa, a seu convite.

Foi o início de uma formação que me marcou definitivamente. Os dois semestres que passei em Tarragona, de novembro de 1988 a março de 1989, como estudante de doutoramento; e entre fevereiro e junho 1989 como bolsista ERASMUS para docência, foram o início de uma relação profissional e de amizade que ainda perdura. A generosidade com que o meu anfitrião me pôs à disposição toda a sua biblioteca, incluindo fotocópias (eram tempos pré-internet) dos manuais clássicos norte-americanos ‘fundadores’ da ‘institucionalização’ deste campo, com que me integrou no seu círculo de sociabilidade familiar, de amigos e de colegas, com que me deu a conhecer a Catalunha, e outras regiões desta península que partilhamos, foram decisivos em toda a minha formação académica, científica e humana.

Conhecer aquele pequeníssimo grupo notável de cinco antropólogos que integravam no final da década de 1980, o departamento de Antropologia da, ainda, Universidade de Barcelona —Dolors Comas d’Argemir, Joan Prat, Josep Maria Comelles,

Oriol Romani, para além de Juanjo—, ser colega de Montse Soronellas ou Yolanda Bodoque, foi uma porta de entrada privilegiada para o meu crescimento pessoal e científico. O interesse pela antropologia urbana, integrava-se bem no momento de desenvolvimento da antropologia portuguesa em várias ramificações e especializações **temáticas**, através de uma nova geração que se instalava nas universidades e que «viviu com pujança o momento de crescimento que marcou os anos 90, consolidando a condição de membro da União Europeia» (Bastos, 2014:39). E que anunciava um imenso «campo de possibilidades» para usar uma expressão de Gilberto Velho (1945-2012), referência maior da antropologia urbana brasileira, que eu só viria a conhecer alguns anos mais tarde, em Lisboa.

A relação que então iniciámos vai muito para além do interesse pela antropologia urbana, ou pela cidade de Lisboa como terreno de estudo: ela foi-se criando no contexto desse ‘terreno informal’ difícil de definir que se foi construindo em torno das interações entre um pequeno conjunto de colegas, através da partilha de encontros, viagens, comensalidades, entreajuda solidária, aprendizagens mútuas, leituras partilhadas, e muita, muita conversa que, de uma forma ou outra acabava por se traduzir em projetos, uns mais bem concretizados do que outros, em forma de uma proposta de um encontro científico, de um *paper*, ou de um curso, como o PRODAU. Projeto bem concretizado, embora com uma vida efémera.

...e uma ponte que se constrói

Alguns momentos-chave anteciparam e prepararam o terreno para o surgimento deste programa. A abertura de uma cadeira opcional de Antropologia Urbana nas licenciaturas de sociologia e antropologia do ISCTE (1988-2018); o intercâmbio bilateral do recém criado ERASMUS Programme, em 1989, entre os departamentos de Antropologia da Universidade de Barcelona, em Tarragona e o ISCTE, que movimentou 10 professores ao longo de um ano; o colóquio interdisciplinar «Antropologia e Estudos Urbanos: Perspetivas comparadas», organizado no âmbito da primeira edição do *Mestrado em Antropologia: Patrimónios e Identidades*, coordenado por Joaquim Pais de Brito, tendo como *keynote speakers* Gilberto Velho (1945-2012) e Joan Pujadas; a participação continuada nos painéis de antropologia urbana dos congressos do Estado Espanhol; a publicação de artigos, papers, comunicações, livros, participação em projetos conjuntos...

O encontro de 11 e 12 de setembro de 2001 que, no ISCTE, «reuniu cerca de vinte investigadores de várias gerações, entre antropólogos, sociólogos e psicólogos em torno do tema *Cidade e Diversidade: Perspetivas de Desenvolvimento em Antropologia Urbana*»(Cordeiro et al, 2003: 1) ficou gravado na memória de quem dele participou

não só pelas piores razões, inesperadas —o horror das imagens da derrocada das *Twin Towers* em Nova Iorque que irrompeu pelos écrans das televisões nos corredores do ISCTE— mas, igualmente, por boas razões, pois marcou o início de um programa promissor. Este encontro teve como objetivo fazer um balanço da Antropologia Urbana portuguesa e perspetivar o seu desenvolvimento no sentido de estruturar uma rede científica internacional. Ao colóquio do primeiro dia, que resultaria na publicação, em 2003, do livro *Etnografias Urbanas*, seguiu-se uma reunião no segundo dia para a possível definição de linhas de orientação para um Programa Doutoral em Antropologia Urbana, assumidamente interdisciplinar e internacional. Embora inicialmente se pensasse a possibilidade de ser um programa ibero-americano, aproveitando as redes científicas já existentes entre Portugal e Brasil, por um lado, e Espanha e alguns países da América Latina, a decisão unânime foi de avançar, numa primeira fase, apenas para um programa conjunto luso-catalão, entre o ISCTE e a URV, aproveitando o sucesso do já referido doutoramento, o Doctorat de Qualitá en Antropología Urbana da URV, e a vontade de um pequeno coletivo português, envolvendo antropólogos, sociólogos e psicólogos, de universidades de Lisboa e do Porto, para além de Juanjo Pujadas e de Gilberto Velho, os convidados «de honra» desse encontro.

O curso foi preparado, ao mínimo detalhe do seu funcionamento, ao longo de dois anos. A preparação, científica, pedagógica, administrativa, financeira, nos meandros burocráticos dos sistemas de ensino superior português e espanhol, envolveu várias negociações e aprovações nos órgãos académicos de ambas as universidades participantes. No ISCTE o curso incluía, igualmente, a possibilidade de um *mestrado em Antropologia Urbana*. A discussão sobre o modelo de ensino a implementar foi acontecendo nos vários suportes da época, internet, telefone, mas, sobretudo, «presencial», como se diz agora, nesta era COVID. A finalização do plano de estudos definitivo, ambicioso, que mobilizava professores de várias universidades espanholas, Europa e América Latina, foi terminado num fim de semana em casa de Luís Baptista, professor catedrático de sociologia urbana da Universidade Nova de Lisboa que, desde o primeiro minuto apoiou incondicionalmente a ideia deste programa, assim como António Firmino da Costa, respeitado sociólogo do ISCTE cujo apoio foi decisivo para a aprovação do programa a nível da direção deste instituto superior. A comissão de coordenação portuguesa incluía, pois, estes dois sociólogos, e dois antropólogos, eu própria e Juanjo Pujadas, coordenador do programa tarraconense.

Foi assim que nasceu este programa, organizado pelo ISCTE, em Lisboa e pela Universitat Rovira i Virgili, em Tarragona. Surgiu da iniciativa de um pequeno grupo de antropólogos catalães e antropólogos e sociólogos portugueses, já envolvidos com atividades de pesquisa e ensino. Foi uma experiência extraordinária do ponto de vista científico, pedagógico e humano: professores e alunos viajaram entre Tarragona

e Lisboa, aprenderam uma ou duas línguas diferentes (o programa era oficialmente bilingue, português e castelhano, embora os alunos portugueses aprendessem também o catalão), lutaram por espaços de trabalho próprios, auto-organizaram-se, organizaram conferências, assumindo a responsabilidade pelo desenvolvimento da sua própria carreira num ambiente de investigação estimulante, apesar da sua informalidade. Com uma taxa de sucesso mais elevada do que o habitual, estes primeiros jovens doutores integraram-se nas estruturas académicas dos seus países, como professores e/ou investigadores, alguns com cargos relevantes no panorama internacional. Além disso, este programa fortaleceu as ligações norte/sul, de uma rede ibero-americana, a partir de colaborações anteriores com o Brasil, México e Equador.

As formações iniciais dos seus estudantes eram sobretudo em sociologia, antropologia e arquitetura. A flexibilidade do funcionamento das disciplinas, nucleares e complementares, facilitava a mobilidade dos estudantes, embora não os obrigasse a isso, pois podiam completar todos os créditos na sua própria universidade. Para além das disciplinas obrigatórias (nucleares), que funcionavam em simultâneo nas duas universidades, havia uma ampla escolha de optativas (complementares) aconteciam uma vez por mês, em modo concentrado durante uma semana, em apenas uma delas. A primeira optativa que abriu, em janeiro de 2004, «Cidades incertas», esteve a cargo de Michel Agier, que falou para uma sala que se encheu com mais alunos do que os do PRODAU durante cinco dias. Acabado de chegar do aeroporto, nunca esquecerei as primeiras palavras que proferiu ao iniciar as aulas, sobre as razões porque aceitara este convite: por ser um doutoramento em antropologia urbana e por ser uma colaboração ibérica, dois factos absolutamente inéditos para ele, e merecedores de todo o apoio.

Um dos elementos fundamentais para o sucesso deste curso foi a cedência ao pequeno grupo dos estudantes de uma pequeníssima sala no ISCTE, espaço que se veio a revelar crucial na criação de uma identidade de grupo e na potenciação de vários projetos – como foi como a organização, pioneira no panorama das ciências sociais em Portugal, da *First International Conference of Young Urban Researchers*, (Frehse, 2007), ou a articulação entre um projeto de investigação (Cordeiro & Vidal, 2008) e o próprio curso. A memória de momentos fortes de sociabilidade, em lugares públicos, cafés, restaurantes, cervejarias, bares, alguns dos quais elegidos como referência icónicas associadas à discussão animada em torno de um evento, de um *paper*, de uma tese, poderiam ser exemplo do bom equilíbrio entre formal/informal através da valorização da sociabilidade no fazer científico.

Contudo, esta experiência não sobreviveu à implementação da convergência de Bolonha, tendo o seu curso aberto apenas em dois anos letivos: 2003/04 e 2005/6. As políticas institucionais e nacionais não foram convergentes entre Portugal e Espanha. A explosão de programas doutorais, em Portugal, antes inexistentes, foi acompanhada,

em Espanha, por uma explosão de masters. Na URV foi o princípio do fim do programa de doutoramento que acabou por se transformar em um mestrado em Estudos Urbanos; sem a parceria tarraconense, o PRODAU perdeu a massa crítica de docentes que o havia viabilizado como programa internacional. Paradoxalmente, conseguíramos criar um programa que antecipa Bolonha no seu modelo, mas não conseguimos sobreviver à implementação dos novos cursos de pós-graduação que nasceram deste conturbado «processo de Bolonha», cujo principal objetivo era facilitar a mobilidade docente e discente e a colaboração e intercâmbio entre universidades europeias...

Encruzilhadas, interseções, interações

Narrar o momento da criação e implementação de um doutoramento internacional ligando dois *campus* universitários, um português outro catalão, durante um curto período de tempo, no início do século XXI, pode ser uma boa maneira de iniciar uma reflexão a partir de um caso cuja história nacional, institucional, disciplinar, coletiva e individual ainda está por fazer. Tenho consciência que, nesta breve descrição, o contexto se sobrepõe ao caso que, para ser bem contado, requer a ‘carne e o sangue’ de uma narrativa histórico-etnográfica mais completa, recorrendo à memória dos arquivos institucionais e pessoais dos vários interlocutores que participaram desta experiência. O contexto das interações, as trocas, as conversas, as práticas coletivas que permitiram um fluxo de sociabilidade informal ao longo de um período mais ou menos longo, foi, afinal, o que permitiu a formalização de um ‘produto’ institucional que, apesar do seu curto caminho, foi marcante para todos os que dela participaram. Como bem exprime Peter Burke, «o meio mais importante para a interação criativa é um grupo pequeno, normalmente um grupo que se encontra pessoalmente e, sobretudo, com regularidade. O ideal é que esse grupo seja composto por pessoas com interesses em comum, mas com enfoques distintos, muitas vezes associados às diferenças em sua educação, em países distintos ou em disciplinas diferentes.» (Burke, 2015:50-1).

Levantar o véu deste momento ou episódio na história dos estudos urbanos na sua vertente sócio antropológica leva-nos a tomar consciência, entre outras coisas, do modo como o campo da antropologia urbana em Portugal se iniciou no contexto de uma relação de colaboração entre a antropologia e a sociologia. Passados mais de 20 anos, o momento fundador que a organização deste programa de doutoramento revela tão claramente, caiu no limbo de uma experiência efémera que, ao não ser registada, ficará esquecida nos anais das histórias de ambas as disciplinas (Machado, 2020; Bastos e Sobral, 2018), pouco atentas às amplas áreas de interseção disciplinar. Tais ‘histórias’ contadas sob o ‘paradigma da institucionalização’, por vezes anacrónicas e teleológicas, acabam por provocar um ‘efeito de túnel’ (Topalov, 2015: 25) que acaba por circuns-

crever a narrativa do passado em função de um presente orientador de uma história hegemónica e, até, oficial.

Esta é apenas uma das possíveis leituras de um episódio no fio da história da antropologia urbana ibérica, que considerou alguns aspetos de tipo diferente, desde o papel da informalidade e da sociabilidade criativa na «invenção» de um modelo inovador de programa de estudos, até ao lugar intersticial da antropologia urbana, particularmente evidente do lado português. Mas muitas outras possíveis leituras devem ajudar ao processo de desocultação de mais momentos, no sentido de uma reflexão sistemática sobre a situação da antropologia urbana no âmbito dos estudos urbanos interdisciplinares, nas conjunturas próprias, temporais e espaciais, do seu aparecimento.

Nos últimos 20 anos a situação tem-se alterado, com uma nova geração de investigadores a criar e desenvolver pontes entre a antropologia, a sociologia, a geografia, a arquitetura, o urbanismo, os estudos urbanos. É reconfortante saber que a experiência do PRODAU acabou por renascer, de forma transformada, em um novo programa de doutoramento conjunto, em Estudos Urbanos, entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e o ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Este programa, iniciado em 2011, tem acolhido a antropologia urbana como uma das suas áreas de referência. Apesar de ser uma ponte mais curta, entre duas instituições vizinhas na geografia da cidade de Lisboa, esta colaboração, institucional e disciplinar, é herdeira dos amplos horizontes com que o Juanjo marcou as nossas vidas.



Junho 2005, Juanjo Pujadas no seu gabinete URV, Praça Imperial Tarraco

Bibliografia

- BASTOS, Cristiana (2014) «A década de 1990: os anos da internacionalização», *Etnográfica* 18 (2): 385-401.
- BASTOS, C. e SOBRAL, J.M. (2018) «Anthropology in Portugal», CALLAN, H. (ed) *The International Encyclopedia of Anthropology*, Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- BURKE, P. (2012) «Conversation» in SIMONSON, P. et alii. *The Handbook of Communication History*. Milton Park, Oxfordshire : Taylor and Francis Group.
- BURKE, P. (2015) *O que é história do conhecimento?* São Paulo. Unesp (FEU).
- CORDEIRO, G.I.; BAPTISTA, L.V.; COSTA, A.F. (eds) (2003) *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Celta <<https://books.openedition.org/etnograficapress/351?lang=en>>.
- CORDEIRO, G.I e VIDAL, F. (2008) *A rua. Espaço, tempo, sociabilidade*, Lisboa: Livros Horizonte: <<https://books.openedition.org/etnograficapress/1406?lang=en>>.
- CUCÓ, J. e PUJADAS, J.J. (1990) *Identidades Colectivas. Etnicidad y Sociabilidad en la Península Ibérica*. Valencia: Generalitat Valenciana.
- FREHSE, F. (2007) «Tantas cidades em Lisboa» *Ponto Urbe*, 1 <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1223?lang=en>>.
- MACHADO, F.L. (2020) *Sociologia em Portugal. Da Pré-história à Institucionalização Avançada*, Porto: Afrontamento.
- PUJADAS, J.J. (1991) «Presente y futuro de la antropología urbana en España» en *Malestar cultural y conflicto en la sociedad madrileña*, II Jornadas de Antropología de Madrid, Madrid: A.M.A., pp. 45-80.
- SIMMEL, G.(1996). «A ponte e a porta». *Revista de Ciências Sociais. Política. Trabalho*. 12, 11–15.
- TOPALOV, C. (2001) «Des libres et des enquêtes: pour un historicism réflexif» en LE PETIT, B. et TOPALOV, C. (dir.) *La ville des Sciences Sociales*. Paris: Belin. 307-313.
- TOPALOV, C. (2015) *Histoires d'Enquêtes*. Londres, Paris, Chicago (1880-1930). Paris: Classiques Garnier.